

## A história literária e a (des)nacionalização da literatura

Carlos M. F. da Cunha  
(Universidade do Minho)

A concepção histórica e nacional da literatura, a partir da ideia schlegeliana, bebida em Vico e Herder, de que a diferenciação nacional acarreta necessariamente uma diferenciação estética, traduziu-se na consideração da literatura como manifestação do espírito dos povos e de uma identidade nacional específica. Assim, a perspectivização nacional da literatura aplicou-se em termos globais (a procura das características de uma literatura nacional) ou particulares (em relação a um autor ou a uma obra), num vai-vém dedutivo e indutivo, que conduz à busca dos autores escritores representativos da nação ou do "espírito nacional"). Porém, predomina neste tipo de abordagens um critério extrínseco à literatura (o nacional, a língua nacional, factores geográficos e etnológicos) e não uma análise intrínseca (relativa aos géneros literários, formas, temas, motivos), e muitas vezes aquele critério externo absorve este, como se verifica pela dedução de que a predominância de certos géneros literários se deve a uma espécie de modo de ser colectivo. No capítulo de Robert Ricard sobre a literatura portuguesa, incluído na obra enciclopédica editada por Raymond Queneau, ecoa um tópico já antigo, que assenta nesta lógica: "La tradition portugaise est principalement lyrique, et l' on peut dire que c' est le seul genre qui s' accorde pleinement au tempérament national." (1958: 751) <sup>1</sup>.

Deste modo, a história geral e a história literária, como a literatura, estão em grande medida centradas no âmbito nacional, com a função social e pedagógica de difundirem uma certa permanência identitária, uma certa memória nacional. Esta é para Paul Veyne uma das convenções que mutila a história e a transforma numa espécie de "biografia de uma individualidade nacional", através da instauração de uma continuidade espaço-temporal, como na história literária, "onde reina a óptica das literaturas nacionais" (1987: 314). Esta "necessidade" de a história literária ser a história do espírito da nação e a sua motivação identitária é uma das principais razões que conduziu à questionação da sua "possibilidade" como disciplina <sup>2</sup>.

Com efeito, como sublinha Edward Said, as culturas nacionais, são híbridas, incluem muitos elementos estrangeiros, alteridades e diferenças que conscientemente excluem (1993: 15). Nenhuma cultura "is single and pure, all are hybrid, heterogeneous, extraordinarily differentiated, and unmonolithic." (*id.*: XXIX) <sup>3</sup>. Algo semelhante pode ser dito em relação às literaturas nacionais. Nas palavras de Pierre Pénisson, "L' étranger est consubstantiel au national et il n' y a de littérature national qu' à proportion des transplantations et des changements qu' elles

induissent." (1994: 117). As fronteiras culturais e literárias são por isso resultantes daquilo que H. Bhabha denomina como uma "geografia imaginativa", que produz uma homogeneização das culturas nacionais ao serviço de uma hegemonia interna (do poder dominante) ou externa (em termos imperialistas) (1990: 318).

É por isso que Jacques Lambert defende a necessidade de uma nova cartografia mundial da literatura (1990) que não identifique as noções de país/nação e comunidade linguística, na medida em que o modelo eurocêntrico da "literatura nacional" continua a dominar o campo dos estudos literários:

"Il continue à représenter le schéma dominant des programmes d'enseignement et de recherche du monde entier (en particulier dès qu'il s'agit des traditions littéraires de l'Europe occidentale, restées le prototype des littératures) et, de façon plus voilée, des théories littéraires, en dépit de l'internationalisation évidente des communications contemporaines - notamment littéraires. Même les théoriciens et les comparatistes restent globalement fidèles au principe des littératures nationales." (1990: 109-110; cf. 115).

Com efeito, todos os critérios de delimitação da literatura a uma esfera nacional revelam inúmeras insuficiências, em grande parte devido ao facto de o conceito de literatura nacional ser uma construção retrospectiva, aplicada a épocas em que a própria nacionalidade não existia, nem tão pouco o conceito de literatura. Por outro lado, porque concebida em termos nacionais, está sujeita, como a história nacional, a fortes disputas políticas e simbólicas, a interpretações divergentes.

O principal problema da delimitação das fronteiras das literaturas nacionais resulta em grande parte da sua variabilidade histórica, dos intercâmbios que entretecem com outras literaturas e da aplicação à literatura de critérios extrínsecos ou heterónomos (de natureza sócio-política, geográfica, étnica, etc.)<sup>4</sup>, a começar pela própria ideia de nação (étnica ou moral, etc.). Numa Europa em que as fronteiras dos Estados-nação raramente coincidem com delimitações linguístico-etnológicas ou com "fronteiras naturais"<sup>5</sup>, a noção de literatura "nacional" torna-se assim problemática.

Como sublinha Jacques Beyrie, a escrita não se deixa aprisionar em termos de territorialidade, a literatura é o domínio por excelência do relacional e do intertextual, prestando-se mal às exigências da fixação de um *corpus* textual rigorosamente circunscrito (1994: 152). Por outro lado, se é inegável a articulação da literatura com o seu meio histórico-cultural, não pode ser ignorado, como sublinha Aguiar e Silva, o carácter dialógico das culturas nacionais:

"A identidade nacional não é uma ilha, uma cidadela ou uma prisão. Tal como a identidade individual se constrói no diálogo com o(s) outro(s), assim a identidade de um povo e de uma nação se vai plasmando, num processo interminável, no diálogo com as culturas de outros povos e de outras nações. (...) Os grandes textos literários nunca nos clausuraram num nacionalismo míope e bafiento: religam-nos à Europa e ao mundo." (1998/99: 30).

Por estas razões, não se pode transferir para a literatura o conceito territorial da geografia, funcionando o espaço literário com a sua própria cartografia, com os seus centros e periferias, numa dimensão inter-nacional e de acordo com uma certa "geografia temporal" (Casanova, 1999: 148) <sup>6</sup>.

O critério linguístico, por exemplo, revela-se insuficiente e precário, não só porque a língua varia diacronicamente, mas devido à existência de Estados plurilinguísticos e mesmo plurinacionais, resultando com frequência a imposição de uma língua oficial "nacional" na marginalização de outros idiomas <sup>7</sup>. Em Portugal, por exemplo, o critério linguístico conduz à exclusão da literatura portuguesa dos textos escritos em Latim e em castelhano. José Maria da Costa e Silva, no seu *Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores Poetas Portuguezes* (1850-5), declara expressamente que não se ocuparia dos poetas que escreveram em Latim ou castelhano, pois considera que "naõ sam Poetas Portuguezes." (1850, I: 6).

Assim, um *mappa mundi* das literaturas nacionais em que as línguas e as nações coincidam, não teria qualquer validade em termos diacrónicos e é mesmo discutível numa lógica sincrónica, na medida em que se revelará atomista (não dá conta das interferências e dos reagrupamentos), eclético (v.g. Suíça, Bélgica, Península Ibérica, etc.) e anacrónico (Lambert, 1990: 112-5), para além de escamotear a pluralidade interna das tradições literárias, porque a "literatura nacional", equivalente à língua oficial, tenta homogeneizar a representação das unidades espaço-temporais e implica uma "normalização", com base num cânone e no estabelecimento de períodos canónicos:

"L' institutionalisation (politique) entraîne une hiérarchisation des oeuvres, des auteurs, des habitudes, des circuits de distribution, voire souvent des genres et des thèmes, que les chercheurs prennent souvent pour leur propre compte, confondant ainsi les positions normatives de l' objet à étudier avec leurs critères de description." (*id.*: 115).

A rejeição definitiva do critério nacional aplicado à literatura deu-se em nome da dimensão estética e da autonomização do sistema literário, conduzindo a um certo

cosmopolitismo, a uma espécie de "desnacionalização" do fenómeno literário, que se deu sobretudo nas literaturas com maior capital simbólico e cultural:

"Leurs ressources littéraires mêmes leur donnent le moyen d'élaborer, contre la nation et ses intérêts strictement politiques ou politico-nationalistes, une histoire spécifique, une logique propre, irréductibles au politique." (Casanova, 1999: 124).

As reacções ao nacionalismo literário são, aliás, em certa medida, concomitantes com a sua emergência. A literatura nacional interroga e descreve o passado do seu povo-nação (indissociáveis desde Herder), exalta o amor da pátria e incita às diversas empresas nacionais. Mas muitos escritores não aceitam que a literatura tenha estas funções, porque têm uma visão cosmopolita ou porque defendem a autonomização da arte. Goethe, fiel às Luzes, por exemplo, prefere a *Weltliteratur*, Victor Hugo defende uma "nacionalidade europeia" e Lord Byron considera-se escritor europeu. Stendhal chegou mesmo a afirmar que o sentimento nacional é *contra natura*, e Pushkin declarou que a nacionalidade vista de fora parecia um vício. Por seu turno, Flaubert, em nome da autonomização estética, diz que a obra de arte não tem pátria. Aliás, este elemento está presente nas relações entre a vanguarda política e artística. O aparecimento da arte pela arte na Europa tem a ver, entre outras razões, com a recusa das funções utilitárias da literatura no quadro de uma cultura nacional ou de um Estado-nação, não obstante essa função ter sido dominante nas épocas de luta pela independência ou pela autonomia nacionais (cf. P. Matvejevic, 1991: 32-3).

Neste âmbito, a autonomização do campo literário relativamente ao campo do poder implica a sua "despolitização" e a constituição das "regras da arte" (Bourdieu, 1992), da "estética pura" e mesmo da "arte pela arte". Como observa Pascale Casanova, a literatura inventa-se como um progressivo aumentar de capital literário, numa autonomização face à servidão política e nacional, com a "invenção de uma língua literária" (1999: 116-118), na medida em que a língua, enquanto sistema modelizante primário, é também um instrumento político (*id.*: 466-7) <sup>8</sup>.

Já Benedetto Croce observara que o conceito unitário de literatura nacional não é uma categoria crítica válida, pois a arte manifesta o individual e o geralmente humano, mas não a nação <sup>9</sup>. No seu entender, a "heresia espiritual" da Alemanha foi a introdução desta cisão no conceito de beleza, pragmatizando os seus conceitos "pseudo-estéticos":

"La bellezza non solo non è più unica e indivisibile, ma le sue divisioni non sono più quelle, arbitrarie bensì ma nell'intenzione universalmente umane, di drammatica e lirica, di ingenua e sentimentale, di classica e romantica. Le sue divisioni sono ora i popoli stessi e le classi, con le cui faccende l'opera della poesia s'identifica,

onde la categoria del giudizio è a volta 'Germania', 'Francia', 'Inghilterra', 'Russia', 'Italia', o 'borghesia', 'democrazia', 'falce e martello', 'croce uncinata', e via.

Tanto più energicamente conviene, dunque, riaffermare l' indivisibilità della bellezza, unica categoria del giudizio, in quanto le divisioni che ora se ne fanno non spezzano solamente, come le più antiche, l' unità estetica del genere umano, ma distruggono l' umanità stessa, chiudendola in circoli stranieri l' uno all' altro e nemici inconciliabili e perpetui." (1994 [1936]: 126) <sup>10</sup>.

Para além de negligenciarem a dimensão estética do fenómeno literário, as "falsas histórias da poesia", como lhes chama, com a sua metafísica idealista ou materialista, ao centrarem-se na dimensão nacional, abeiravam-se perigosamente do chauvinismo e do racismo:

"e assai spesso si corre ai vaneggiamenti del nazionalismo, del razzismo e dell' antisemitismo, e si trascina fra questi la poesia, gridando che, per il tedesco, unica misura deve essere la 'deutsche Dichtung' e la 'deutsche Kunst', e che essi cercano non il 'bello', come i corrotti i fiachi latini, ma il 'titanico' (...). Lontanissimo è il concetto della storia della poesia coincidente col giudizio della poesia" (*id.*: 149); "e ai giorni nostri s' imbarbariscono in odiose storie nazionalistiche e razzistiche, per fortuna non italiane." (Croce, 1996 [1919]: 418) <sup>11</sup>.

Por outro lado, ao tomar a história "extrapoética" (política, moral ou filosófica) como critério judicativo, a "falsa" história da poesia e da literatura, sujeitava a poesia ao papel de documento das lutas da história:

"riducendo la poesia a rappresentante di popoli e di partiti, a polemica, a grido di rivolta o di guerra, a industria ed astuzia, ad arma di combattimento, e poi anche a esposizione d' idee e di sistemi di credenze; e riducendo i poeti a filosofi, politici, guerrieri, apostoli, predicatori, assegnandoli a faccende a loro estranee, prestando loro un viso acceso dalla passione o contratto nello sforzo dell' indagine, che nessun poeta ha mai avuto" (Croce, 1994 [1936]: 142).

A literatura comparada surgiu em parte como uma reacção ao insulamento nacional, para recompor a unidade perdida da República das Letras, que Goethe, já em 1827, projectou numa futura literatura mundial <sup>12</sup>. Mas o comparatismo literário pode ser compreendido como um momento fundamental da transição de uma filosofia da história iluminista para uma história literária nacional. Franca Sinopoli considera que a literatura comparada e a ideia de literatura universal foram coevas, senão mesmo antecedentes, da noção de literatura nacional (1996: 16, 19, 51), na medida em que partem de uma concepção global do que é literatura (*id.*: 22). A literatura nacional impôs-se depois devido ao nacionalismo e à noção de que há há uma literatura particular na esfera de cada nação, o que impulsionou à indagação dessa história literária

nacional, reduzindo-se nesta fase o comparatismo a um modo de melhor acentuar as especificidades de cada literatura nacional relativamente às outras (*id.*: 56) <sup>13</sup>.

Com a teoria da literatura triunfou a apologia do conceito de literatura universal. R. Wellek preconiza a necessidade de conceber "a literatura como um todo", para além das diferenças linguísticas (s/d: 57), perante "a evidente falsidade da ideia de uma literatura nacional contida em si própria. A literatura ocidental, pelo menos, constitui uma unidade, um todo." (*id.*: 58); "a literatura é só uma, como uma é a arte ou a humanidade- e nesta concepção reside o futuro dos estudos literários históricos." (*id.*: 59). Consagra assim uma perspectiva que tem os seus expoentes em T. S. Eliot (1917), Curtius (1948) e Auerbach (1946), em nome de um certo universalismo antropológico, que retoma em parte os ideais do classicismo <sup>14</sup> e reflecte uma certa atmosfera intelectual motivada pela Segunda Guerra Mundial, estreitamente vinculada à experiência do exílio, por motivos políticos, como sucedeu com Auerbach, Curtius, Leo Spitzer e R. Wellek <sup>15</sup>. A vocação da Literatura Comparada parece ser assim a afirmação de um cosmopolitismo militante, como para Étiemble (1963), para quem ela é sobretudo um modo de abertura política ao universalismo histórico, linguístico e intelectual. Este objectivo realiza-se porque em muitos casos o próprio comparatista se encontra situado numa encruzilhada de duas ou mais nações, de que pretende ser mediador e conciliador (Wellek, s/d: 248), habitando *Múltiplas Moradas* (Guillén, 1998). Por isso, em última instância, "Comparative literature listens and reads after Babel."; "Jubilant at the intractable diversity of Babel" (Steiner, 1995: 9-10).

No entanto, de acordo com a lição de Claudio Guillén, a dificuldade primacial da Poética comparativa é a de dar conta da alteridade do diverso na identidade do uno. A maior objecção que se coloca à Poética Comparativa é justamente a sua impossibilidade de encontrar um denominador comum em todas as literaturas sem sacrificar algumas literaturas nacionais, por não se enquadrarem na síntese global <sup>16</sup>. A perspectiva comparatista de tipo universalista e teórico é devedora de uma visão "eurocêntrica" dos fenómenos literário e cultural, denunciada em particular no seio dos "post-colonial studies". Mas esta nova área de estudos não se isenta de fortes críticas, mesmo por parte dos seus fundadores, como Gayatri Spivak, em *A Critique of Postcolonial Reason* (1999). O conceito de "literatura universal", quando considerado equivalente a "cultura ocidental", implica uma hegemonização similar à que se propõe evitar, como salienta Edward Said:

"it is nevertheless evident that when most European thinkers celebrated humanity or culture they were principally celebrating ideas and values they ascribed to their own national culture, or to Europe as distinct from the Orient, Africa, and even the Americas. What partly animated my study of Orientalism was my critique of the way in which the alleged universalism of fields such as the classics (not to mention historiography, anthropology, and sociology) was Eurocentric in the extreme, as if other literatures and societies had either an inferior or a transcended value." (1993: 51).

Assim, para E. Said, a ideia de "literatura mundial" é inevitavelmente imperial e eurocêntrica: "now both empire and actual geographical space collaborate to produce a 'world-empire' commanded by Europe."; "the imperial map *did* license the cultural vision." (*id.*: 55) <sup>17</sup>.

Este novo aprisionamento espacial e histórico-político da literatura que lhe pode retirar um conjunto de potencialidades semântico-pragmáticas enquanto expressão da vida e da experiência humana parece conduzir-nos à impossibilidade de autonomizar o fenómeno literário, mas a literatura mostra-nos simultaneamente a sua capacidade intemporal, ao transcender e ultrapassar as suas circunstâncias, transformando o seu carácter documental em relação a um determinado contexto num dimensão monumental, onde se sente o pulsar do tempo e se ouve o testemunho dos homens e das mulheres que nos precederam. Parafraseando um título de um estudo de Stephen Greenblatt (1990), diríamos que as obras literárias nos trazem a ressonância de outras eras e a fascinação do presente perante as vivências do passado.

## Notas

(1)- Em termos nacionais, parece-nos ter sido A. Herculano o primeiro a elaborar tal formulação (s/d, t. II: 238-40). ). No entanto, R. Ricard inspira-se certamente em Fidelino de Figueiredo, na medida em que refere praticamente todos os traços da sua caracteriologia da literatura portuguesa (Figueiredo, 1923).

(2)- Para Edward Baker, "Es obligación de los historiadores de la literatura dar un golpe de negatividad que ponga al descubierto la taxonomía de aquello que llamamos literatura y de los cánones nacionales." (1990: 12); "Quienes pretendan hacer una historia literaria con plena consciencia de la historicidad de la literatura y de la suya propia tendrán que confrontar la historiografía tradicional e insistir en la rigurosa imposibilidad de pensar *eso*." (*id.*: 18).

(3)- A comprovar esta realidade está, como observa E. Said, o constante realinhamento pós-colonial das nações e do *mappa mundi* (*id.*: xxxviii). A não coincidência entre as fronteiras políticas e as fronteiras culturais é evidente nos países do leste europeu, com constantes justaposições de etnias, religiões e línguas (cf. Karnoouh, 1990: 12).

Mas a própria cultura, na perspectiva sistémica de Niklas Luhman, é uma construção cultural, uma realidade que implica vários níveis inter-relacionados (nacional, regional, étnico, religioso, linguístico, de género, de geração, classe social, etc.) (cf. Segers, 1996: 204).

(4)- O Quarto Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, realizado em 1966, problematizou os critérios de natureza geográfica, política e linguística habitualmente adoptados.

O. Tacca destaca que o critério geográfico perde valor devido à a variação histórica dos territórios "nacionais" e ao facto de muitas vezes os escritores pertencerem a um espaço literário e cultural não coincidente com o do seu país de origem. Por outro lado, afirma, as fronteiras linguísticas raramente coincidem com as fronteiras políticas. Por fim, observa que os critérios de natureza histórica tendem a ser extrínsecos à literatura e envolvem vários factores (políticos, sociológicos, culturais, psicológicos, etc.):

"He aquí el dilema: los criterios históricos, en rigor son extraños a la literatura, y los literarios (sean semánticos, lingüísticos o estilísticos) difícilmente alcanzan suficiente autonomía o resultan separables de los históricos." (1968: 89; cf. 78-89).

(5)- Os Estados-nação modernos implicam, segundo "o princípio das nacionalidades", a coincidência do Estado e da nação numa unidade política: "L' idée national, avant la Révolution française, n' avait guère d' existence en face de la notion d' État." (Baggioni, 1997: 253). Mas, como observa Anne-Marie Thiesse, esta justaposição do estado à nação implica constantes antinomias:

"La coïncidence entre État et nation est *a priori* impossible." (1999: 233); "la nation est un principe, l' État une réalité concrète." (*id.*: 227).

(5)- Esta "cartografia temporal" é, segundo P. Casanova, aferida pelo "méridien de Greenwich littéraire, par rapport auquel on peut dessiner la carte esthétique du monde, la place de chacun pouvant s' évaluer à la distance temporelle par rapport au centre" (1999: 474-5), em termos de modernidade ou atraso, de que se isentam os "clássicos", definidos como atemporais e sempre modernos. Por outro lado, a antiguidade de uma literatura funciona nesta geografia temporal como um capital cultural e simbólico importante (*id.*: 35-6).

É esta não coincidência entre a "geografia espacial" e a "geografia temporal" que conduzem o autor a desacreditar a ideia de literatura nacional:

"Cet éclatement géographique des espaces littéraires les plus éloignés des centres et le système de leurs dépendences multiples est peut-être l' un des signes majeurs de la non-coïncidence de l' espace littéraire et de la nation politique, c' est-à-dire de l' autonomie relative de l' espace littéraire mondial." (*id.*: 285).

(7)- Daniel Baggioni põe a claro o plurilinguismo europeu, que considera a regra e não a excepção: "Le monolinguisme étatique est cependant un projet qui n' a jamais été complètement réalisé, et si on est attentif aux réalités des pratiques langagières, en Europe comme dans le reste du monde on peut dire que le plurilinguisme est la règle et le monolinguisme l' exception." (1997: 38). Cf. Eva Kushner (1989: 110) e Claudio Guillén (1998: 301).

José Lambert destaca que, em rigor, não há sociedades monolinguas: "Siguiendo a los sociolingüistas, podemos afirmar que la homogeneidad lingüística de las sociedades es ante todo una idea." (1999: 55).

(8)- Segundo este autor, é devido a esta dependência original perante as instâncias políticas e nacionais que muitos escritores dizem que a sua pátria é a língua, de modo negar o nacionalismo político sem negar a nação, e para vincar a sua autonomia estética (Casanova, 1999: 467). Em termos mais gerais, este desejo de autonomia pode estender-se a toda a esfera cultural: "José Luis Aranguren, por ejemplo, ha pedido la 'desamortización' o liberación de la cultura establecida de que hablamos" (Fox, 1995: 13).

(9)- "Anche allora, per il nuovo valore attribuito alle nazioni, oltre la storia letterario-artistica generale dell' umanità, furono foggiate le storie letterario-artistiche nazionali, non più comprese nella prima come suoi stadi o epoche particolari, con nascita,



vita e morte senza resurrezione, ma indipendenti in certa misura dalla prima, e perciò perduranti ciascuna col su carattere originale, sebbene passanti, nel corso dei secoli, per fasi di grandezze, decadenze e palingenesi." (Croce, 1996 [1919]: 403).

(10)- "Ma ora, e senza passare attraverso l' intermedio di quelle forme ideali, popoli, razze e classi sociali sono stati dotati di forme, a ciascuno affatto proprie, di poesia, devise profondamente l' una dall' altra, sconosciuti l' una dall' altra, combattenti l' una contro l' altra al pari di quei popoli e razze e di quelle classi stesse nella sfera della realtà pratica. Così ci sarebbe ora, tra le altre, una poesia 'germanica' che si farebbe dai puri germani e solo da essi potrebbe esser sentita e da essi soli giudicata" (*id.*: 125; cf. 123 e 146).

(11)- B. Croce refere-se de modo particular à concepção de F. Schlegel e critica o facto de a história literária privilegiar uma dimensão extra-estética e o estudo dos *minores* (1996 [1919]: 407).

(12)- Se bem que desde os seus inícios a literatura comparada visasse superar as limitações nacionalistas da história literária, não é menos verdade que foi, como denunciou Étiemble (1963), motivo de constantes chauvinismos, e por isso René Wellek apontava como um dos motivos da crise da disciplina o paradoxo subjacente à sua motivação psicológica e social: um patriotismo que afirma a sua superioridade comparando, num jogo de deve e haver (s/d: 248-50).

O próprio conceito de literatura mundial, enunciado por Goethe em 1827, a propósito de uma adaptação francesa do seu *Tasso*, tem uma conotação germanocêntrica: "Se está formando una *Weltliteratur* general, en la que a nosotros los alemanes nos está reservado un papel honroso." (*apud* Guillén, 1985: 54). Há, no entanto, outras implicações filosóficas e político-morais neste ecumenismo goethiano, como a sua apreensão perante as forças do nacionalismo e do chauvinismo militante que grassavam na Europa, especialmente na Alemanha, que o induzem a uma abertura cosmopolita a outros povos e tradições, para evitar um isolacionismo que, na sua óptica, poderia conduzir à ruína (Steiner, 1995: 5-6). Segundo R. Wellek, o ideal da "literatura universal" resultou em grande parte do cansaço das guerras napoleónicas (1989: 255).

Para as raízes e sentidos de *Weltliteratur* em Goethe cf. Curtius (1989: 45-7), C. Guillén (1985: 56-7) e R. Wellek (1989: 255).

(13)- O comparatismo europeu nasceu, como salienta Susan Bassnett, "in an age of national struggles, when new boundaries were being erected and the whole question of national culture and national identity was under discussion throughout Europe and the expanding United States of America." (1993: 8-9); "In Europe, as nations struggle for independance - from the Ottoman Empire, from the Austro-Hungarian Empire, from France, from Russia - and new nation states came into being, national identity (whatever that was) was inextricably bound up with national culture (however that was defined)." (*id.*: 20).

Só depois, observa, é que a a literatura comparada passou também a funcionar como um antídoto do nacionalismo, embora desde o último quartel do século XX volte a fazer "part of the process of reconstructing and reasserting cultural and national identity in the post-colonial period." (*id.*: 39).

(14)- "Uma vez que captemos a natureza da arte e da poesia, a sua vitória sobre a mortalidade e o destino humanos, a sua criação de um novo mundo da imaginação, as vaidades nacionais desaparecerão. Surge o homem, o homem universal, o homem de toda a parte e de qualquer tempo, em toda a sua variedade"; a erudição literária torna-se um acto da imaginação "e assim preservará e criará os mais altos valores da humanidade." (Wellek, s/d: 255).

(15)- Não é mera coincidência o facto de as obras destes autores (exilados) terem sido motivadas e publicadas (em 1946, 1948 e 1949, respectivamente) como reacção à ideologia Nazi e à Segunda Guerra Mundial, que os conduziu ao exílio. É o caso dos grandes expoentes da tradição filológica alemã, Curtius, Auerbach (cf. Lerer, 1996) e Spitzer.

Curtius, alemão/alsaciano, viu-se envolvido *in loco* pelo confronto franco-alemão. A sua obra foi motivada pela "capitulación de la intelectualidad alemana, el odio a la civilización occidental" (1976: 9) e pela desagregação da cultura

européia após a Segunda Grande Guerra, como ele próprio refere no prefácio da *Literatura Europeia y Edad Media Latina* (1976: 10). Daí a sua recusa da história literária nacional, de matriz romântica, e o abandono da geografia real em nome de um lugar simbólico (Roma), fundador de um espaço europeu e de uma cultura comum (latina) (cf. Antonelli, 1995: 183-91).

George Steiner realça a importância que a experiência do exílio sempre teve no desenvolvimento da Literatura Comparada, como na questão alsaciana do passado e no facto de os professores judeus exilados nos E.U.A. não terem tido acolhimento nos tradicionais departamentos de Inglês: "Thus much of what became comparative literature programmes or departments in American academy arose from marginalization, from partial social and ethnic exclusion." (1995: 7).

(16)- Por outro lado, como sublinha A. Marino, tornar-se-ia inútil se se limitasse à constatação de elementos universais, caso existam, em todas as obras (1988: 307). Recorde-se, a propósito, que a polémica norte-americana das duas últimas décadas do século XX em torno do cânone literário ocidental começou no seio de um Curso de Civilização Ocidental (cf. Lindenberger, 1990: 148-62).

(17)- E. Said fala mesmo numa "relationship between the development of comparative literature and the emergence of imperial geography" (*id.*: 58). Denuncia igualmente a presença da literatura românica como centro do projecto da *Weltliteratur*: "The speak of comparative literature therefore was to speak of the interaction of world literatures with one another, but the field was epistemologically organized as a sort of hierarchy, with Europe and its Latin Christian literatures at its centre and top." (*id.*: 52). Se o trabalho dos grandes filólogos do pós-guerra era a preservação da cultura europeia, isso revelaria a ideologia comparatista, a sua missão de conservar uma representação uniforme da civilização europeia (*id.*: 54-5).

A tendência hegemónica do "universal" conduz, segundo P. Casanova, à anexação sistemática (e consequente "desterritorialização") das obras de diversas culturas aos critérios impostos pelos centros literários que se crêem detentores dos valores estéticos considerados universais (1999: 226), de que resultam muitas distorções e mal-entendidos interpretativos: "L' universel est, en quelque sorte, l' une des inventions les plus diaboliques du centre: au nom d' un déni de la structure antagoniste et hiérarchique du monde, sous couvert d' égalité de tous en littérature, les détenteurs du monopole de l' universel convoquent l' humanité tout entière à se plier à leur loi. L' universel est ce qu' ils déclarent acquis et accessible à tous à condition qu' il leur ressemble." (*id.*: 215).

## Bibliografia

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de

(1998/99)- "Teses sobre o ensino do texto literário na aula de Português", *Diacrítica*, 13-4: 23-31.

ANTONELLI, Roberto

(1995)-"Tempo e Spazio nella Storiografia Letteraria", in ROSA, Alberto Asor (ed.)(1995)- *La Scrittura e la Storia. Problemi di Storiografia Letteraria*. Firenze: La Nuova Italia, pp. 161-95.

BAGGIONI, Daniel

(1997)-*Langues et nations en Europe*. Paris: Éditions Payot & Rivages.

BAKER, Edward

(1990)- "La problemática de la historia literaria", in ALDARACA, Bridget; BAKER, Edward e BEVERLY, John (ed.s) (1990)- *Texto y Sociedad: Problemas de Historia Literaria*. Amsterdam/Atlanta: Ed. Rodopi B. V., pp. 11-8.

BASSNETT, Susan

- (1993)- *Comparative Literature. A Critical Introduction*. Oxford/Cambridge: Blackwell.
- BEYRIE, Jacques
- (1994)- *Qu' est-ce qu' une littérature nationale ? Écriture, Identité, Pouvoir en Espagne*. Toulouse: P. U. du Mirail.
- BHABHA, Homi K.
- (ed.) (1990)- *Nation as Narration*. London/New York: Routledge.
- BORDIEU, Pierre
- (1992)- *Les règles de l' art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil.
- CASANOVA, Pascale
- (1999)- *La République Mondiale des Lettres*. Paris: Seuil.
- CROCE, Benedetto
- (1994)- *La Poesia. Introduzioni alla Critica e Storia della Poesia e della Letteratura*, org. G. Galasso Milano: Adelphi Edizioni [1936].
- (1996)- *Filosofia - Poesia - Storia*, org. G. Galasso. Adelphi Edizioni
- CURTIUS, Ernst Robert
- (1976)- *Literatura Europea y Edad Media Latina - I*. Mexico/Madrid/Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica [1948].
- (1989)- *Ensayos críticos sobre la literatura europea*. Madrid: Visor.
- ELIOT, T. S.
- (1962)- *Ensaio de Doutrina Crítica*. Lisboa: Guimarães Editores [1919]
- ÉTIEMBLE, René
- (1963)- *Comparaison n' est pas raison. La crise de la littérature comparée*. Paris: Gallimard.
- FIGUEIREDO, Fidelino de
- (1923)-*Características da Litteratura portuguesa*, 3ª ed. revista. Lisboa: Livraria Clássica Editora [1914].
- FOX, E. Inman
- (1995)- "La invención de España: literatura y nacionalismo", in FLITTER, Derek W. (ed.)- *Actas del XII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, t. IV, pp. 1-16.
- GREENBLATT, Stephen
- (1990)- "Resonance and Wonder", in COLLIER, Peter e GEYER-RYAN, Helga (ed.s) (1990)- *Literary Theory Today*. Oxford/Cambridge: Polity Press & Basil Blackwell, pp. 74-90.
- GUILLÉN, Claudio
- (1985)- *Entre lo Uno y lo Diverso. Introducción a la Literatura Comparada*. Barcelona: Editorial Crítica.
- (1998)-*Múltiples Moradas. Ensayo de Literatura Comparada*. Barcelona: Tusquets Editores.
- HENDRIX, Harald et alii
- (ed.s) (1996)- *The Search For a New Alphabet. Literary Studies in a Changing World*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- HERCULANO, Alexandre
- (s/d)- *Cartas*, t. II. Lisboa: Aillaud e Bertrand.
- KAISER, David Aram
- (1999)- *Romanticism, Aesthetics, and Nationalism*. Cambridge/New York/Melbourne: Cambridge U. P.
- KARNOOUIH, Claude

(1990)- *L'Invention du Peuple. Chroniques de Roumanie*. Paris: Arcantère.

KUSHNER, Eva

(1989)- "Articulation historique de la littérature", in ANGENOT *et alii* (ed.s) (1989)- *Théorie Littéraire. Problèmes et Perspectives*. Paris: P.U.F., pp. 109-125.

LAMBERT, José

(1990)- "A la Recherche de Cartes Mondiales des Littératures", in RIESZ, János e RICARD, Alain (1999)- *Semper Aliquid Novi. Littérature Comparée et Littératures d'Afrique*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, pp. 109-21.

(1999)-"Aproximaciones sistémicas y la Literatura en las Sociedades Multilingües", in IGLESIAS SANTOS (ed.)

(1999)- *Teoría de los Polisistemas*. Madrid: Arcos/Livros, pp. 53-70.

LERER, Seth

(ed.)(1996)- *Literary History and the Challenge of Philology. The Legacy of Erich Auerbach*. Stanford/California: Stanford U. P.

LINDENBERGER, Herbert

(1990)- *The History in Literature: On Value, Genre, Institutions*. New York: Columbia U. P.

MARINO, Adrian

(1988)- *Comparatisme et théorie de la littérature*. Paris: P.U.F.

MATVEJEVIC, Predrag

(1991)- "Cultures et Littératures Nationales en Europe (Concepts et Pratiques)", in GILLESPIE, Gerald (ed.)

(1991), *Littérature comparée/Littérature mondiale (Actes du XI<sup>e</sup> Congrès de l' Association Internationale de Littérature Comparée, Paris, 1985)*, vl. 5. New York-Bern-Frankfurt and Main-Paris: Peter Lang, pp. 29-38.

PÉNISSON, Pierre

(1994)-"La Notion de Littérature Nationale chez Gottfried Herder", in ESPAGNE, Michel e WERNER, Michael (ed.s) (1994)-*Philologiques III. Qu'est-ce qu' une littérature nationale? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire*. Paris: Maison des Sciences de l' Homme, pp. 108-19.

PERKINS, David

(1992)-*Is Literary History Possible ?* Baltimore/London: The Johns Hopkins U. P.

RICARD, Robert

(1958)- "Littérature portugaise", in QUENEAU, Raymond (ed.) (1958)- *Histoire des Littératures*. Paris: Gallimard, Coll. "La Pléiade", t. II, pp. 731-50.

SAID, Edward W.

(1993)- *Culture & Imperialism*. London: Chatto & Windus.

SEGERS, Rien T.

(1996)- "Cultural and Literary Identity: Disease or Medicine ? A Dialogue with Douwe Fokkema", in HENDRIX, Arald *et alii* (ed.s) (1996), pp. 7-12; 202-7.

SILVA, José Maria da Costa e

(1850-5)- *Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores Poetas Portuguezes*. Lisboa: Imprensa Silvana.

SINOPOLI, Franca

(1996)- *Storiografia e Comparazioni. Le origini della storia comparata della letteratura in Europa tra Settecento e Ottocento*. Roma: Bulzoni.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty

(1999)- *A Critique of Postcolonial Reason. Toward a History of the Vanishing Present*. Cambridge, Massachussets, London: Harvard U. P.

STEINER, George

(1995)- *What is Comparative Literature ? An inaugural Lecture delivered before the University of Oxford on 11 October 1994*. Oxford: Clarendon Press.

TACCA, Óscar

(1968)- *La Historia Literaria*. Madrid: Gredos.

TOMLINSON, John

(1991)- *Cultural Imperialism. A Critical Intoduction* London: Printer Publishers.

THIESSE, Anne-Marie

(1999)- *La Création des Identités Nationales. Europe XVIIIe-XXe siècle*. Paris: Seuil.

VEYNE, Paul

(1987)- *Como se Escreve a História*. Lisboa: Edições 70 [1971].

WELLEK, René

(1989)- *Historia de la Crítica Moderna (1750-1950). La Segunda Mitad del Siglo XVIII*. Madrid: Gredos [1959].

WELLEK, René e WARREN, Austin

(s/d)- *Teoria da Literatura*, 5ª ed.. Lisboa: Publicações Europa-América [1949].